

Apresentação

Um mundo em chamas

Márcio Santos de Santana¹, Daniel Afonso da Silva²

“*Notre maison brûle et nous regardons ailleurs*”
Jacques Chirac (1932-2019)

Era pra ser simplesmente um adágio. “*Notre maison brûle et nous regardons ailleurs*” [Nossa casa está pegando fogo e nós seguimos distraídos, indiferentes e focando a atenção em outro lugar] (République Française, 2002). Mas, em pouco tempo, manifestou-se maldição. O presidente francês Jacques Chirac vaticinou a sentença como alerta. Mas, desde o princípio, ela foi virando antecipação.

O ano era 2002.

O ambiente, o da Quarta Cúpula da Terra das Nações Unidas.

Comemoravam-se os dez anos da bem-sucedida Eco-92, realizada no Brasil, no Rio de Janeiro, e era, também, o momento de celebração dos trinta anos do encontro inaugural de Estocolmo.

O tema geral, portanto, era o clima.

O mês, setembro.

Setembro de 2002.

Doze meses – dia após dia – do martírio do “9/11” [11 de setembro de 2001], evento iniciador do novo século, com os ataques a Nova Iorque, ao World Trade Center e ao Pentágono. Que, sendo franco, evidenciou muito mais que dramas, demonstrou fraturas mundiais irremediáveis.

Pois, com ele, de uma vez por todas, fez-se entender a impotência das potências. Trazendo à superfície a revanche dos povos. Notadamente daqueles seguidamente retirados da história. Como sempre o foram – por plenos quinhentos anos – os não europeus e não ocidentais.

Visto deste prisma, o “9/11” foi, portanto, muito mais um *fim da partida* que um *fim da história*. Diante dele, a globalização triunfante revelou-se quimera. Como as quatro liberdades wilsonianas se tornaram ilusões.

¹ Professor Associado no Departamento de História, na área de Teoria da História, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil. Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. Graduado em História (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. Coordenador do Grupo de Pesquisa “Tempo presente: seus dilemas, suas perspectivas”, cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasília, Distrito Federal, Brasil. *E-mail*: msantana@uel.br

² Professor na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. Pós-doutorado em Relações Internacionais pela Centre de Recherches Internationales (CERI) da Sciences Po, Paris, França. Pós-doutorado em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. Pesquisador no Núcleo de Pesquisas em Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. *E-mail*: daniel.afonso66@hotmail.com

O Mundo Livre – que forjou a nova face do planeta depois de Hitler – sucumbia a um imenso mal-estar. Que carcomia os seus fundamentos e acelerando a sua entropia. Externalizada ao mundo inteiro. Que, doravante, residia à beira da falésia. Sob o torpor de destinos e sob as tormentas temerárias do tudo ou nada. Como se não existisse mais nada a perder. Onde tudo parece efêmero, volátil, instável, perigoso. Como nas vésperas de 1914. Tipo nas tormentas de 1929. Feito nas tensões de 1933. Como na conversação da última chance de 1938. Onde todos sabiam – em todas essas ocasiões – que a tragédia maior rondava as casas, entretanto, ninguém queria ver.³

O “9/11” reabilitou tudo isso.

Anunciando dias de angústia. Angústia sem fim. Onde o Ocidente foi ultrajado. Os norte-americanos, desafiados. E todos os valores ocidentais, simplesmente, vandalizados.

Era o fim de uma era. Adeus, tempo bom. Era mais um *momentum* de rupturas. Adeus, estabilidades.

Desde ali, 2001 e o “9/11”, as crises estruturais voltavam à agenda. Mas, agora, para além das crises, o caos. Caos sistêmico. *Malaise* existencial. *Matrix*: bem-vindo ao deserto do real.

O presidente Jacques Chirac vinha de ser reeleito na França. O seu principal oponente fora Jean-Marie Le Pen – sim: aquele do *Front National* que nunca se resignou da condição desavergonhada de protonazista. O segundo turno se deu entre os dois. Chirac *versus* Le Pen; Le Pen *versus* Chirac. Sinais dos tempos. Um choque monumental. Onde a *France éternelle* de Voltaire, Hugo e De Gaulle voltava a namorar o desconhecido. Era o mínimo que se podia dizer (Chirac, 2012).

Era uma disputa de maus agouros. Pois uma das mais importantes democracias liberais do planeta, a França, trazia de volta os seus mais obscuros dilemas. Aqueles dos dias frios, das noites sem lua e manhãs sem sol. Coisas bonitas em Shakespeare, Hamlet, *To be or not to be*. Mas desesperadoras em vida real. Quando as tormentas viram entorpecentes acachapantes e sem fim.

Le Pen *versus* Chirac/Chirac *versus* Le Pen, em prática, entre os europeus e franceses, era a reabilitação do mal-estar de *Vichy* – quando a França de Pétain, em 1940, sucumbiu a Hitler, ao nazismo e à distopia, perdendo a honra e quase a própria razão de existir (Frank; Aglan, 2015).

O ano, agora, era 2002. 1940 estava longe no passado. E, portanto, não existia mais nenhum Hitler para acoimar. Mas a chegada de Jean-Marie Le Pen ao segundo turno daquelas presidenciais causou medo, pavor e desassossego como se o *Führer* estivesse de novo bem ali.

Seria apenas impressionante se não fosse trágico.

O ano era 2002.

Chirac, ao fim, venceu e Le Pen voltou pra casa. Tudo porque, em verdade, o medo, o pavor e o desassossego se uniram para barrar Le Pen e reeleger Chirac, que, de modo inédito, agora, recebia 82% do sufrágio. Algo excepcional. Histórico.

De um lado, alívio. De outro, apreensão.

Nenhuma democracia liberal no Ocidente havia ofertado escore tão favorável – 82% – a quaisquer de seus representantes majoritários. O presidente Jacques Chirac sabia disso. E, porquanto, capitalizou. Essencialmente, ampliando a sua capacidade de ação. Notadamente, além fronteiras. Tudo em memória de Voltaire, em apreço a Hugo e em honra ao seu nobre guia e mentor, De Gaulle.

³ É considerável o conjunto de referências sobre esses eventos todos. Para simplesmente enquadrar o problema, veja-se, especialmente: Arrighi, 2008; Arrighi, 1994; Badie, 2004; Badie, 2011; Debray, 2017; Ferguson, 2014; Fontana I Lázaro, 2013; Fontana I Lázaro, 2011; Fottorino, 2019; Foucher, 2011; Frank, 2012; Fukuyama, 2014; Gauchon, 2008; Gilpin, 2004; Gilpin, 1981; Herring, 2008; Herring, 2016; Hobsbawm, 1995; Huntington, 1996; Huyghe, 2018; Jacques, 2012; Jeanneney, 2017; Judt, 2006; Kennan, 2012; Kennedy, 1987; Kindleberger, 2000; Kissinger, 1994; Lacoste, 2018; Mearsheimer, 2001; Naín, 2014; Nye Junior, 2002; Plant, 2019; Rogoff, 2009; Woodward, 2018; Soutou, 2011; Stiglitz, 2010.

A sua segunda presidência se iniciou, portanto, nessa ambiência. E foi com esse *empowerment* que a delegação francesa desembarcou em Joanesburgo para a Quarta Cúpula da Terra das Nações Unidas.

O assunto – como se disse – era o clima.

O mês, setembro.

O ano, 2002.

A conjuntura planetária periclitava. A *guerra ao terror* norte-americana envolvia o mundo inteiro. Todos os olhares procuravam – vivo ou morto – Osama bin Laden. Quase ninguém dava atenção ao mal-estar climático. Tampouco às suas externalidades. A indiferença com o meio ambiente era geral. E desde muito. Especialmente entre os norte-americanos. Que se recusavam a pensar no assunto.

O presidente George H. W. Bush, por exemplo, na Eco-92, havia sinalizado que “*the american way of life is not negotiable*” [o estilo de vida norte-americano não é negociável]. Quando da terceira Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, realizada no Japão, em 1997, essa posição oficial da Casa Branca gerou a indiferença dos norte-americanos aos protocolos de Quioto. Coetaneamente, a secretária de estado do presidente Bill Clinton, Madeleine Albright, passou a afirmar, forte e aos quatro ventos, que os Estados Unidos eram uma “*indispensable nation*” [nação indispensável]. E, se isso não bastasse, do outro lado do Atlântico, o seu homólogo francês, Hubert Védrine, chanceler sob o governo de Lionel Jospin e a primeira presidência de Jacques Chirac, começou a ratificar essa compreensão, considerando os Estados Unidos a única e derradeira *hyperpuissance* [superpotência] do planeta depois do Muro (1989) e depois do bloco soviético (1991) (Védrine, 2016a, 2016b, 2018, 2021, 2022).

Por erudito e consequente, Védrine não endossava integralmente as teses do *fim da História* propugnadas por Francis Fukuyama nem rejeitava fortemente os argumentos sobre o *choque de civilizações* avançados por Samuel P. Huntington.

Longe disso!

Ele, em verdade, nuançava a complexidade disso tudo. E, fazendo assim, foi se transformando num dos melhores observadores do fenômeno. Do ponto de vista histórico e também moral.

A sua noção de *hyperpuissance*, ao fundo, revigorava e diferenciava o peso do Muro (1989) e o peso do desaparecimento do bloco soviético (1991). De modo que a sua intuição sugeria que depois do Muro, adeus à quintessência da Guerra Fria e depois da URSS, adeus ao *ápeiron* da tensão Leste-Oeste. Restando, nessa sinergia do adeus, apenas o *momentum* 1989-1991. Espécie de aguarrás do tempo. Que, de um lado, dava fim a um século de extremos e, de outro, lançava o mundo inteiro na agonia do desconhecido.

Sabia-se ser o fim do duopólio planetário inaugurado em 1917 e reforçado em 1947. Mas não se tinha por seguro que aos Estados Unidos, ao Ocidente e aos valores ocidentais seriam capazes de verdadeiramente afirmar, depois de 1989-1991, a sua *New World Order*.

Hesitações, portanto.

Foi assim. Era assim.

Até que veio o “9/11” para demonstrar que tudo era bem mais complexo.

Desse modo, quando o presidente Chirac tomou a palavra em Joanesburgo, em setembro de 2002, ninguém possuía razões imediatas para estar preocupado com questões climáticas, aquecimento global, catástrofes naturais ou crises sanitárias. A atenção de todos estava em outro lugar.

O tempo passou. A complexidade de tudo aumentou. E, pouco a pouco, o adágio – “*Notre maison brûle et nous regardons ailleurs*” – do presidente francês foi sendo lentamente retomado em todas as partes até que chegou o biênio 2020-2021 e o tornou mais clarividente que jamais. A brutalidade da crise

sanitária fez renascer a ubiquidade do trágico, a inclemência da dor e a recorrência do *memento mori*. (Cf. Védrine, 2021).

Mais que a crise financeira de 2008, que a crise do euro, que a Primavera Árabe, que o mal-estar europeu, que o *referendum* pelo Brexit, que o triunfo da *post-truth*, que a emergência de divergentes como Donald J. Trump nos Estados Unidos, Jair Messias Bolsonaro no Brasil, Javier Milei na Argentina, Marine Le Pen e Éric Zemmour na França, Heinz Christian Strache na Áustria, Geert Wilders na Holanda, Giorgia Meloni na Itália e Viktor Orbán na Hungria, a pandemia de Covid-19 foi o único artifício capaz de reabilitar a consciência do trágico no espírito do tempo.

O cheiro da morte e a entropia das perdas induziram a população do planeta a níveis de desespero e desesperança raramente notados. E, nesse mal-estar, a multidimensionalidade da complexidade da situação alimentou toda sorte de anomia. Onde ninguém sabia ao certo o que fazer nem como proceder. Levando o desespero ao seu estágio mais pleno e total. Implicando todas as instâncias da vida da maneira mais dramática jamais vivenciada.

Uns vinte meses depois, toda essa agonia começou a esmaecer. A vacinação massiva forneceu algum alívio. O mundo inteiro prosseguia enlutado, desconfiado e claudicante. Mas havia esperança do retorno rápido a alguma normalidade. Sendo o Natal de 2021 a maior mostra disso. Assim como o *Réveillon* para 2022. Ambos anunciando dias bons.

Entre um e outro, naqueles dias de retiro e comunhão, falava-se, diuturnamente, em viragem de página, *dia seguinte, após dilúvio, novo normal*. Os ventos, com tudo isso, pareciam benfazejos. Tudo ia, portanto, bem e singrando para algum recomeço. Até que, em fins de fevereiro de 2022, o presidente russo iniciou uma operação especial ante a Ucrânia, a Europa e o Ocidente, violando as fronteiras do país vizinho e reinstalando um estado de pânico, incerteza, desacordo e desespero no mundo inteiro. Oferecendo, mais uma vez, um adeus às ilusões.

Um adeus inaugurado discretamente no *momentum* 1989-1991 e agora consolidado em tempos de instabilidades fugidias. Onde todas as contradições do mundo e do planeta parecem se mover à superfície. Feito furor em ebulição e à flor da pele; tipo o frisson de jovens amantes enamorados em corpos nus. A pandemia e o incidente russo-ucraniano trouxeram, assim, à superfície dimensões da tensão do Ocidente *versus* o não Ocidente jamais imaginado.

Percebia-se, porquanto, que o mundo singrava sem bússolas. Que o monopólio dos valores ocidentais sobre os negócios do planeta quase que não existia mais. Pois as instituições multilaterais inauguradas ou reforçadas em 1945 perdiam completamente a sua força e valência. As rivalidades entre Estados Unidos, China, União Europeia e Rússia só faziam aumentar. Assim como a estridência dos novos concorrentes como Índia, Arábia Saudita, Turquia, África do Sul, Brasil aturdiam o meio internacional (Cf. Conesa, 2020; Gourdant-Montagne, 2023; Mearsheimer; Rosato, 2023; Tertrais, 2023).

O continente africano, por sua vez, seguia sequestrado à condição de homem doente do planeta. A América Latina – submergida na sensação de alguma normalidade encarnada no resultado das eleições de 2022 no Brasil – voltava a submergir no desconhecido com a erosão política de países importantes como Argentina, Venezuela, Bolívia.

E, se nada disso já não fosse o bastante, para ampliar a pasmeira, em outubro de 2023, os médio-orientais reinauguraram novas fases de sua *guerra sem fim nem perdão* sob a sombra macabra de contingentes crescentes de pessoas de carne e osso – homens, mulheres, crianças e idosos – que, sinceramente, não conseguem viver as suas vidas nem ganhar seu pão. Parte pela ubiquidade desses tormentos. Parte pelas distopias das inovações da Economia 4.0 – que, em lugar de reduzir as desigualdades, depois da pandemia, começaram a ampliá-las. Parte pelas ilusões de dias bons.

Um mundo em chamas que, agora, tornou-se impossível de se ignorar.

Tempos difíceis, “*tiempo nublado*”.

Não é de hoje que teses acerca do risco de dissolução da sociedade – independentemente de qual seja o meio para isso – tomam o debate público. Em linhas gerais, segundo essa linha de argumentação a sociedade contemporânea viveria em permanente risco de dissolução.

De um lado, se pensa na desestruturação do tecido social, decorrência de um modo de vida cada vez mais individualista. De outro lado, há o temor de que o planeta seja dizimado por uma catástrofe ambiental, por uma terceira guerra mundial de feições nucleares ou mesmo uma combinação de ambos os cenários! (Bauman, 1998; Beck, 2011).

A condição humana, para retomar Arendt (2009), continua peça-chave para pensar os nossos dilemas. O tempo presente não conseguiu superá-los. A humanidade foi capaz de gerar bens materiais, tecnológicos e científicos inimagináveis para gerações precedentes; mas foi também capaz de fazer usos absurdos desses mesmos bens...

O capitalismo contemporâneo tem conduzido os indivíduos às pressões mais inusitadas, inéditas na história, especialmente ao exigir dos profissionais uma incessante capacidade de readaptação, sobretudo estando apto e aberto às transformações requeridas pela corporação, independentes do tipo.

A “cultura do novo capitalismo” (Sennett, 2006) requer uma nova visão de mundo por parte do profissional, ou seja, uma pessoa preparada para um cenário de transformações constantes, pressão por realização de metas, competitividade, substituição permanente de pessoas do convívio próximo, relações interpessoais potencialmente conflituosas, dentre outras características.

Frente a um mundo em constante transformação, realizadas em ritmo, sentido e profundidade que desnorteia os atores envolvidos no processo, a reinvenção da identidade torna-se um imperativo categórico. Nesse sentido, o questionamento do autor torna-se imprescindível: “Quais os valores e práticas capazes de manter as pessoas unidas no momento em que as instituições em que vivem se fragmentam?” (Sennett, 2006, p. 13).

De acordo com Sennett (2006, p. 13), há três desafios com os quais o sujeito ideal se defronta para “prosperar em condições sociais instáveis e fragmentárias”. Os desafios são:

(i) Em um mundo em constante transformação, em todas as instâncias da vida social, os sujeitos veem-se desafiados a cuidar simultaneamente de si e de suas relações com os outros e também gerenciar sua vida institucional, cuidando de suas tarefas diárias, enfrentando a provisoriade cotidiana da existência.

(ii) Desenvolver constantemente novas competências e novas habilidades de modo a atender as exigências de uma realidade social cada vez mais dinâmica. A meritocracia sepultará terminantemente o ideal do artesanato?

(iii) Tornar-se um “Homem Novo”, ou seja, adaptar-se a ser provisório e ver a tudo e a todos como provisório – o advento dos “Tempos Líquidos” (Cf. Bauman, 2007). As empresas não garantem mais o emprego de nenhum de seus colaboradores. A flexibilização das relações atingiu as relações afetivas (“ficar”, por exemplo).

Esses são tempos que demandam constante auscultação. Não simplesmente para se identificar o tamanho do sinistro – que é imenso –, mas para se intentar localizar saídas, solução, refúgio.

Eis o papel da universidade, dos acadêmicos, dos artistas, dos políticos e dos intelectuais em todos os tempos: conferir clarividência aos problemas com fins de se aportar algum conforto na indicação de alguma solução.

E foi nesse genuíno propósito que a revista *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, da Universidade Estadual de Londrina, afiançou a organização deste dossiê.

Um dossiê, de saída, pretensioso. Que ultrapassa as cercanias de especialidades acadêmicas para tratar a urgência e a complexidades desses temas com aportes transversais.

Imenso desafio; inglória tarefa.

Inglória porque os acontecimentos viraram fugidios no interior de conjunturas moveidias depositárias de estruturas lancinantes.

Não tem jeito. Reconheça-se: “*Notre maison brûle*”. Não é clichê.

O biênio 2020-2021 escancarou a condição planetária de tempos desabados. Sempre em mutação. Cada vez mais frenética. Sempre sem jeito. Tudo em supetão. Sempre selvagem. Emulando Dante, perdido em selva; mas, agora, sem Beatriz nem Virgílio para vir nos salvar.

De maneira que, frente a tudo isso, as certezas acadêmicas de outrora perderam o seu lugar. Os temas e problemas viraram terrenos escorregadios demais. Onde poucos se arriscam a adentrar. E, ao entrar, poucos conseguem completar ilesos a missão por demasiado *perigosa a travessia e perigoso o caminho*.

De modo que quem se permite adentrar consciente nessa verdadeira selva selvagem só chega ao fim da missão mediante predicados como perícia, engajamento, retidão e emoção. Predicados todos superlativos. Que o conjunto de autores deste dossiê vem a público ofertar.

Paola Giacomoni – essa distinta catedrática de Filosofia Moderna da Università degli Studi di Trento, na Itália, da École des Hautes Études en Sciences Sociales, na França, e da Columbia University, nos Estados Unidos, assim como autora dos mundialmente conhecidos *The dark side: philosophical reflections on the “negative emotions”* (New York: Springer, 2022) e *Ardore. Quattro prospettive sull’ira da Achille agli Indignados* (Collana: Carocci, 2015) –, nesses termos, abre a picada da reflexão com um artigo sobre a fragilidade do “ser” diante do trágico.

Era pra ser apenas um artigo. Mas virou uma comovente reconstituição das agruras que os tempos de hoje nos tocam passar.

O seu foco recai sobre sensibilidades, sentimentos e emoções para demonstrar o lugar da ira, do ódio, do ressentimento e da dor na erosão das estruturas sociais contemporâneas.

Começa-se assim o dossiê.

Adiante, Paola Giacomoni passa o bastão para Lucia Santaella. Sim: Lucia Santaella. Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica e do Programa de Tecnologias da Inteligência e Design Digital da PUC-SP, especializada em Comunicação, Semiótica Cognitiva e Computacional, Inteligência Artificial, Estéticas Tecnológicas e Filosofia e Metodologia da Ciência e uma das maiores referências mundiais na investigação do lugar da internet e da inteligência artificial na contemporaneidade. E é sobre isso que o seu artigo *Travessias da digitalização: da internet à inteligência artificial* trata. Não dá pra deixar de ler.

Como também não dá para ignorar, em sequência, a contribuição magistral de Andréa Casa Nova Maia e Guaracy Bolivar Araújo Mendes Júnior.

Veja-se o título: *Como ‘adiar o fim do mundo’? Extrema direita, desindustrialização nociva e crise ambiental*.

E, agora, medite: como passar ao largo de uma análise que assenta o cursor sobre esse tema tão urgente e espinhoso? Não tem como. Como não tem como ignorar que Andréa Casa Nova Maia e Guaracy Bolivar Araújo Mendes Júnior, verdadeiros estetas de suas áreas, quando reunidos, formam simplesmente o que há de melhor da inteligência entre nós.

Andréa Casa Nova Maia é aquela reputada professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro cujas variedades de livros, artigos, manifestos e intervenções fazem dela uma das historiadoras mais importantes de sua geração. Guaracy Bolivar Araújo Mendes Júnior é nada menos que professor no prestigiado e concorrido Departamento de Filosofia da PUC Minas. Que mais dizer? Nada. Eles dois reunidos são um tudo. Basta-se ler *Como 'adiar o fim do mundo'?* para evidenciar.

E, em seguida, quase como arremate, é imprescindível uma longa mirada sobre o artigo *Fragilidades da consciência histórica e paradoxos da grande marcha: notas sobre o presente que nos foi dado*, dos doutores Vítor Hugo dos Reis Costa da Universidade Federal de Santa Maria e Weiny César Freitas Pinto da Universidade Estadual de Campinas.

Pois, adiante, o dossiê muda de tom com o artigo de Lucas Damasceno Tomazella e Claudia Alvarenga Marconi, do Departamento de Relações Internacionais da PUC-SP, sobre a condição dos Direitos Humanos depois do *momentum* Donald J. Trump. Discussão que está na ordem do dia, pois enquanto fechamos este dossiê, os norte-americanos devem escolher, para ocupar a cadeira presidencial, Donald Trump ou Kamala Harris! As discussões e os debates, em todo o mundo, retomam a questão democrática e o perigo que o trumpismo representa para ela.

Claudia Alvarenga Marconi é uma referência na área de relações internacionais. Atua em importantes instituições universitárias paulistas (PUC-SP, FECAP) tanto na graduação quanto na pós-graduação. Integra o Quadro Permanente do Mestrado Profissional em Governança Global e Formulação de Políticas Internacionais (GGFPI) da PUC-SP e é Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (Unesp - Unicamp - PUC-SP). Suas pesquisas giram em torno dos seguintes temas: governança global dos direitos humanos, dos processos e mecanismos de justiça internacional e transicional; debates teóricos da Escola Inglesa; diálogos entre a Teoria das RI e a teoria política internacional. Lucas Damasceno Tomazella é um promissor doutorando, pesquisador com imensa capacidade, tal como demonstrada no artigo.

O diapasão segue o mesmo. Mas, como se viu, o tom, agora, mudou. E mudou para comportar um dos artigos mais esperados deste dossiê: o de José Késsio Floro Lemos sobre os dilemas energéticos mundiais decorrentes da irrupção da nova fase da tensão russo-ucraniana em 2022. Um tema hipersensível. Quem sabe, o mais sensível do momento. Que Késsio Lemos nos oferta a sua *expertise* ao analisar.

Doutor em Relações Internacionais pelo *pool* (Unesp, Unicamp e PUC-SP) San Tiago Dantas, José Késsio Floro Lemos passou tempos na Universidade de Kent, na Bélgica e no Reino Unido, convivendo e interpelando os principais protagonistas da chamada diplomacia energética, o que lhe permitiu se tornar, seguramente, um dos poucos brasileiros verdadeiramente especializado em geopolítica dos recursos energéticos mundiais. Sendo, simplesmente, um privilégio acolher o seu esmerado saber neste dossiê. Da mesma forma que o saber de Elaine Santos.

Elaine Santos é formada em Ciências Sociais e em Geografia, com mestrado em Energia, Sociedade e Meio Ambiente, doutorado em Sociologia, integrante do seletor grupo de pesquisadores do Programa Cidades Globais do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP) e, por tudo isso, uma das maiores autoridades do Brasil quando o assunto envolve transição energética brasileira. E, sobre o assunto, ela veio nos brindar com uma contribuição riquíssima sobre o lugar do lítio na cartografia energética brasileira.

Quem acompanha os seus preciosos artigos publicados no *Jornal da USP* consegue uma ideia de sua inestimável competência no tema. Mas quando se lê o seu *O lítio no Brasil: história, políticas e desafios industriais*, preparado exclusivamente para este dossiê, fica ainda mais latente a vastidão de sua cultura e saber.

Como Elaine Santos mobilizou o cursor da discussão para o Brasil, a próxima contribuição continua a trajetória, mirando o país com o propósito de responder à pergunta *que se esperar da terceira presidência de Lula da Silva?* E, para suprir essa demanda, o dossiê teve a honra e o privilégio de acolher a *expertise* e a sofisticação do experimentado professor Pedro Feliú Ribeiro, do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo.

A pesquisadora Marina Slhessarenko Fraife Barreto, do Núcleo Direito e Democracia do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), doutoranda em Ciência Política na Universidade de São Paulo, completa o dossiê com uma entrevista com Olexiy Haran, Professor de Política Comparada na Universidade Nacional de Kiev - Academia Mohyla (NaUKMA), importante figura do pensamento intelectual ucraniano e ativista antiocupação russa.

E assim se completa o dossiê. De modo honesto e valoroso. Mirando todo o mundo e pensando o Brasil. Tornando acessíveis as reflexões mais agudas sobre as urgências atuais.

A edição comporta ainda a seção de artigos de temática livre, com as seguintes contribuições: *História e linguagem: o tema da imigração nas páginas do jornal 'O Estado' (1936-1938)*, de Márcio Santos de Santana e Higor Jardim Evangelista, e *O Sport Club do Pará: esporte e civilidade em Belém (1896-1918)*, de Aline Brasiliense dos Santos Brito e Renan Santos Furtado.

Referências

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- ARRIGHI, Giovanni. *Adam Smith em Pequim. Origens e fundamentos do século XXI*. Trad. Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ARRIGHI, Giovanni. *The long twentieth century: money, power and the origins of our times*. London: Verso, 1994.
- BADIE, Bertrand. *L'impuissance de la puissance: essai sur les nouvelles relations internationales*. Paris: Fayard, 2004.
- BADIE, Bertrand. *La diplomatie de connivence: les dérives oligarchiques du système international*. Paris: Editions la Couverte, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- CHIRAC, Jacques. *Le temps présidentiel: Mémoires*. Paris: Nil, 2012.
- CONESA, Pierre. *Avec Dieu, on ne discute pas!* Paris: Robert Laffont, 2020.
- DEBRAY, Régis. *Le nouveau pouvoir*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2017.
- FERGUSON, Niall. *The great degeneration: how institutions decay and economies die*. New York: Penguin Books, 2014.
- FONTANA I LÁZARO, Josep. *El futuro es un país extraño: una reflexión sobre la crisis social de comienzos del siglo XXI*. Barcelona: Passado & Presente, 2013.
- FONTANA I LÁZARO, Josep. *Para el bien del imperio*. Barcelona: Passado & Presente, 2011.

- FOTTORINO, Eric (dir.). *Les gilets jaunes, et après?* Paris: Philippe Rey, 2019.
- FOUCHER, Michel. *La bataille des cartes: analyses critiques des visions du monde*. Paris: Bourin Éditeur, 2011.
- FRANK, Robert (dir.). *Pour l'histoire des relations internationales*. Paris: PUF, 2012.
- FRANK, Robert; AGLAN, Alya. *1937-1947 - La guerre-monde I*. Paris: Gallimard, 2015.
- FUKUYAMA, Francis. *Political order and political decay: from the industrial revolution to the globalization of democracy*. London: Profile Books, 2014.
- GAUCHON, Pascal (coord.). *Le monde: manuel de géopolitique et de géoéconomie*. Paris: Puf, 2008.
- GILPIN, Robert. *O desafio do capitalismo global*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GILPIN, Robert. *War and change in international politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- GOURDANT-MONTAGNE, Maurice. *Les autres ne pensent pas comme nous*. Paris: Bouquins, 2023.
- HERRING, George C. *From colony to superpower: U.S. Foreign Relations since 1776*. New York: Oxford University Press, 2008.
- HERRING, George C.; BRANDS, Hal. *Making the unipolar moment: U.S. foreign policy and the RISE of the post-cold war order*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2016.
- HOBBSAWM, Eric J. *The age of extremes: a history of the world, 1914-1991*. London: Verso, 1995.
- HUNTINGTON, Samuel P. *The clash of civilizations and the remaking of world order*. New York: Simon & Schuster, 1996.
- HUYGHE, François-Bernard; DESMAISON, Xavier; LICCIA, Damien. *Dans la tête des gilets jaunes*. Versailles: VA Éditions, 2018.
- JACQUES, Martin. *When China rules the world. The end of the western world and the birth of a new global order*. 2. ed. London: Penguin Books, 2012.
- JEANNENEY, Jean-Noël. *Le moment Macron: un président et l'histoire*. Paris: Seuil, 2017.
- JUDT, Tony. *Post-War: a history of Europe since 1945*. London: Penguin, 2006.
- KENNAN, George F. *American diplomacy: sixtieth-anniversary expanded edition*. Chicago: University of Chicago Press, 2012.
- KENNEDY, Paul. *The rise and fall of the great powers: economic change and military conflict from 1500 to 2000*. New York: Random House, 1987.
- KINDLEBERGER, Charles P. *Manias, pânico e crashes: um histórico das crises financeiras*. Trad. Vânia Conde e Viviane Castanho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- KISSINGER, Henry. *Diplomacy*. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 1994.
- LACOSTE, Yves. *Aventures d'un géographe*. Paris: Équateurs, 2018.
- MEARSHEIMER, John J. *The tragedy of great power politics*. New York: W. W. Norton & Company, 2001.
- MEARSHEIMER, John; ROSATO, Sebastian. *How states think: the rationality of foreign policy*. New York: Yale University Press, 2023.

NAÍN, Moisés. *The end of power: from boardrooms to battlefields and churches to states, why being in charge isn't what it used to be*. New York: Basic Books, 2014.

NYE JUNIOR, Joseph S. *The paradox of American power: why the world's only superpower can't go it alone*. New York: Oxford University Press, 2002.

PLANT, Raymond. *The neo-liberal state*. New York: Oxford University Press, 2019.

RÉPUBLIQUE FRANÇAISE. *Déclaration de M. Jacques Chirac, Président de la République, sur la situation critique de l'environnement planétaire et les propositions de la France pour un développement durable*. Johannesburg: République Française, 2 sept. 2002.

ROGOFF, Kenneth S.; REINHART, Carmen M. *This time is different: eighth centuries of financial folly*. Princeton: Princeton University Press, 2009.

SENNETT, Richard. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SOUTOU, Georges-Henri. *La guerre froide, 1943-1990*. Paris: Pluriel, 2011.

STIGLITZ, Joseph E. *O mundo em queda livre: os Estados Unidos, o mercado e o naufrágio da economia mundial*. Trad. José Viegas Filho. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

TERTRAIS, Bruno. *La Guerre des mondes - Le retour de la géopolitique et le choc des empires*. Paris: Éditions de l'Observatoire, 2023.

VÉDRINE, Hubert. *Comptes à rebours*. Paris: Fayard, 2018.

VÉDRINE, Hubert. *Dictionnaire amoureux de la géopolitique*. Paris: Fayard, 2021.

VÉDRINE, Hubert. *Face à l'hyper-puissance*. Paris: Fayard, 2016a.

VÉDRINE, Hubert. *Monde au défi*. Paris: Fayard, 2016b.

VÉDRINE, Hubert. *Une vision du monde*. Paris: Bouquins, 2022.

WOODWARD, Bob. *Fear: Trump in the White House*. New York: Simon & Schuster, 2018.